

Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)

DIMENSÕES
ESTÉTICAS,
COGNITIVAS E
TECNOLÓGICAS
DE COMUNICAÇÃO

Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)

DIMENSÕES
ESTÉTICAS,
COGNITIVAS E
TECNOLÓGICAS
DE COMUNICAÇÃO

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Dimensões estéticas, cognitivas e tecnológicas de comunicação

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Marcelo Pereira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D582 Dimensões estéticas, cognitivas e tecnológicas de comunicação / Organizador Marcelo Pereira da Silva. - Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0082-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.820222005>

1. Comunicação. I. Silva, Marcelo Pereira da (Organizador). II. Título.

CDD 302.2

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A contemporaneidade nos impulsiona a pensar a Comunicação para além dos lugares-já-feitos, das definições clichês, das repetições teóricas, rompendo com o círculo vicioso que pouco – ou nada – contribui com a construção de um campo consistente e solidificado, equilibrando suas dimensões estéticas, éticas, teóricas, metodológicas, tecnológicas, técnicas, epistemológicas e praxeológicas.

Temos que a Comunicação remete a um universo complexo que se investe e reveste de idiosincrasias que envolvem sujeitos, nações, narratologias, mídias e redes virtuais e de massa, jornalismo, comunicação governamental, publicidade, cinema, produção audiovisual, relações públicas, marcas, consumo etc.

Neste sentido, a obra intitulada “Dimensões estéticas, cognitivas e tecnológicas de comunicação”, reúne investigações teóricas e analíticas de pesquisadores que trafegam pelos campos da comunicação em suas diversificadas áreas e especificidades, erigindo debates sobre os estatutos tecnológicos, estéticos e cognitivos da Comunicação em um contexto cada vez mais midiático e perpassado pelas práticas e experiências de consumo.

O cenário dos estudos comunicacionais evidencia a carência da renovação das condições teóricas, epistemológicas, profissionais e metodológicas da Comunicação e do fundamental laço social, tão frágil nas sociedades expostas aos imprevisíveis ventos do globalismo, da midiática e do consumo. Desta perspectiva, podemos produzir mecanismos analíticos, dados e informações que geram efeitos positivos para as sociedades e comunidades.

(Re)conhecer a relevância da Comunicação para as organizações, as nações e os sujeitos tornou-se *sine qua non* para a compreensão da natureza humana, já que a Comunicação se entrama ao/pelo tecido social, o define, o significa, o ressignifica e o constitui.

Necessitamos admitir os desafios, os desvios e as dificuldades da Comunicação, abraçando as oportunidades de investigações calcadas em suas dimensões cognitivas, estéticas, éticas e tecnológicas em um mundo mergulhado no *tech*, mas, também e mais, necessitado do *touch*, dos afetos.

Marcelo Pereira da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

INVESTIGANDO O DISCURSO GOVERNAMENTAL EM CAMPANHA DE SAÚDE: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DAS UNIDADES DO DISCURSO

Ramirio Costa Ribeiro

Luciana Saraiva de Oliveira Jerônimo


Marcelo Pereira da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8202220051>

CAPÍTULO 2..... 14

MÍDIAS SOCIAIS PARA A INDÚSTRIA CRIATIVA: REFLEXÕES SOBRE POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA DICIPA PARA A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIPAMPA

Franceli Couto Jorge

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8202220052>

CAPÍTULO 3..... 27

A INTERFERÊNCIA DA PANDEMIA NO MERCADO DE SERVIÇOS AUTOMOTIVOS, DESDE SEUS CONSUMIDORES ATÉ SEUS PRESTADORES DE SERVIÇOS

Isadora Gualda Macedo


Guilherme Boldrin Medeiros

Vitor Christofolletti Laudares

Gustavo Teixeira Dias Otero

Marco Antonio Martins Teixeira Filho

Vitor Aires Gozzi Nogueira


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8202220053>

CAPÍTULO 4..... 38

DESGUALDADE SOCIAL E PANDEMIA: UMA ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS COMPARTILHADAS PELOS PERFIS @covidphotobrazil e @everydaybrasil

Camila Leite de Araujo

Juliana Lira de Oliveira


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8202220054>

CAPÍTULO 5..... 47

A FOTOGRAFIA E O URBANO: REPRESENTAÇÃO, MÁQUINA E TEMPO

Camila Leite de Araujo

Raquel de Holanda Rufino


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8202220055>

CAPÍTULO 6..... 59

USOS DO ESPETÁCULO COMO ESTRATÉGIA NA IMPRENSA


Beatriz Dornelles

Fabiola Brites

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8202220056>

CAPÍTULO 7	72
A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DOS TERRITÓRIOS NA IMPRENSA <i>ONLINE</i> : ESTUDO DE CASO DA REGIÃO DA SERRA DA ESTRELA, PORTUGAL	
Nelson Clemente Santos Dias Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8202220057	
CAPÍTULO 8	105
MTV BRASIL: COMO A LINGUAGEM DA MTV DOS ANOS 90 DIALOGA COM A GERAÇÃO ATUAL	
Thayse Kiel Truffa Cristian Cipriani	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8202220058	
CAPÍTULO 9	118
A TELEVISÃO TEM FUTURO? UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DA ÚLTIMA VINHETA DA MTV BRASIL	
Darly Gonçalves de Souza Júnior Victor Reis Mazzei	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8202220059	
CAPÍTULO 10	132
SUBSÍDIOS TEÓRICOS PARA ANÁLISE DOS DIÁLOGOS INTERTEXTUAIS, INTERDISCURSIVOS E TRANSMIDIÁTICOS NA COMUNICAÇÃO	
Denise Azevedo Duarte Guimarães	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.82022200510	
CAPÍTULO 11	143
COMPREENSÃO DA RETÓRICA COM CONCEITOS SEMIÓTICOS PEIRCEANOS	
Gilmar Hermes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.82022200511	
CAPÍTULO 12	155
AUDIOVISUAL, TECNOLOGIA E INTERAÇÃO: OBSERVAÇÕES DA SÉRIE DIÁRIO DE UM CONFINADO	
Carolina Fernandes da Silva Mandaji	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.82022200512	
CAPÍTULO 13	169
A PARTICIPAÇÃO DO ESPECTADOR NO CURTA IDEOLOGIA, DE JOSÉ MOJICA MARINS: UMA COMPREENSÃO POR MEIO DA NARRATIVA CINEMATOGRAFICA	
Fernando de Barros Honda Xavier	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.82022200513	
CAPÍTULO 14	182
COMUNICAÇÃO E ARTE CRÍTICA - DOIS ARTISTAS, DOIS TEMPOS: GOYA E BANKSY	
Geraldo Magela Pieroni	

Alexandre Ribeiro Martins


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.82022200514>

CAPÍTULO 15..... 198

OS DESAFIOS DA INCLUSÃO DA POPULAÇÃO LGBT NO MUNDO DO TRABALHO:
A COMUNICAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE DISSEMINAÇÃO DAS POLITICAS DE
DIVERSIDADE

Israel Gomes de Oliveira

Maria de Lurdes Costa Domingos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.82022200515>

CAPÍTULO 16..... 216


PROJETO SAIBA MAIS UEPG: AÇÕES NA CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE PREVENÇÃO
ÀS IST's E A GRAVIDEZ PRECOCE

Kauane Chicora

Letícia Prestes

Marcelly Ingles

Cristina Lucia Sant' Ana Costa Ayub

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.82022200516>

CAPÍTULO 17..... 221

LIDERANÇA E COMUNICAÇÃO: HABILIDADES QUE TRANSFORMAM PESSOAS EM
EQUIPES

Raiane Feliciano da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.82022200517>

CAPÍTULO 18..... 229

O EFEITO VINGADORES

Carolina Guerra Monteiro

Mirna Feitosa Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.82022200518>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 235

ÍNDICE REMISSIVO..... 236

COMPREENSÃO DA RETÓRICA COM CONCEITOS SEMIÓTICOS PEIRCEANOS

Data de aceite: 01/05/2022

Gilmar Hermes

Professor do Curso de Bacharelado em
Jornalismo da UFPel
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
Pelotas, RS

Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

RESUMO: Este artigo parte de uma concepção da retórica como um processo de “identificação” e não à maneira em que é tradicionalmente definida dando relevância à “persuasão”, levando em conta os estudos semióticos de Charles Sanders Peirce. O texto apresenta referências históricas e características que dão atualidade à ciência da retórica, existente desde a antiguidade grega, como uma forma de combater a violência através da argumentação de ideias. Traz algumas contribuições de Peirce com sua semiótica e filosofia de caráter pragmatista, apresentando os caminhos vinculados à “gramática especulativa”, pela qual os conceitos semióticos contribuem para a reflexão das “retóricas comuns”, como é o caso dos textos comunicativos.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica; retórica; história da retórica; argumentação; retórica especulativa.

ABSTRACT: This article starts from a conception of rhetoric as a process of “identification” and not

giving relevance to “persuasion” in the way it is traditionally defined, considering the semiotic studies of Charles Sanders Peirce. The text presents historical references and characteristics that give relevance to the science of rhetoric, existing since Greek antiquity, as a way of combating violence through the argumentation of ideas. It brings some contributions from Peirce with his semiotics and philosophy of pragmatist character. It presents the concepts linked to the “speculative grammar”, through which semiotic explanations contribute to the reflection of “common rhetoric”, as the case of communicative texts.

KEYWORDS: Semiotics, rhetoric, rhetoric history, argumentation, speculative rhetoric.

INTRODUÇÃO

Um caminho para refletir sobre a produção de textos jornalísticos é levando em conta a longa tradição da retórica, que vem desde, pelo menos, o que chegou até nós através da obra de autores que viveram antes da era cristã. Na Antiga Grécia, Aristóteles problematizou como um orador pode fazer com que seus argumentos sejam compreendidos de forma a convencer a audiência, em um sentido probabilístico voltado à persuasão. A semiótica peirceana – ciência dos signos – tem um caráter lógico, voltado para a compreensão do pensamento, mas se volta para a retórica justamente por tratar de signos, que são também o meio para a expressão desse pensamento. É a partir das ações dos

signos que damos sentido para a nossa experiência e compreensão de mundo, de maneira a poder compartilhá-la e desenvolvê-la em conjunto com os demais seres. A semiótica de Charles Sanders Peirce (1839-1914) oferece instrumentos conceituais para renovar a retórica, assim como tem uma perspectiva diferenciada em relação à retórica.

É sempre importante ressaltar que, para a semiótica de Peirce, na sua concepção sinequista de continuidade, não há um caráter antropocêntrico quando se trata da produção de sentidos. As ações dos signos ou semioses ocorrem entre todos os tipos de seres. Em relação à retórica, no entanto, por envolver uma intencionalidade comunicativa, pode-se falar de uma especificidade humana. Isto se configura como uma ação a ser avaliada na ordem ética, levando em conta a predisposição em relação aos outros seres humanos.

O autor Vincent Colapietro (2007) reconheceu, em seu artigo *Peirce's Rhetorical Turn*, que houve uma guinada em direção à retórica nas reflexões semióticas de Charles Sanders Peirce na sua produção intelectual mais recente. Em seus comentários, Alessandro Topa (2019) qualificou essa análise da obra peirceana como inovadora. Apesar da preocupação maior de Peirce seja o pensamento científico, este autor referencial reconheceu que há um viés retórico mesmo na ciência, associado à melhor compreensão do ser humano como um ser em comunicação, um ser em semiose, com propósitos, dentro de uma perspectiva em que se visa o conhecimento em uma relação constante com todos os demais seres, como é próprio da sua compreensão sinequista das ações sígnicas.

De acordo com a interpretação de Colapietro (2007), para Peirce, as questões retóricas não se dão prioritariamente como um ato de persuasão, como geralmente se tende a resumir objetivamente o propósito da retórica, e, sim, como um ato de identificação. Pode-se compreender neste posicionamento uma preocupação de ordem ética, que, ao mesmo tempo, reflete indiretamente o “espírito do tempo” em emergência, em que a questão da “cultura” ganha cada vez mais relevância em toda reflexão humanística.¹ Além disso, isto contribui para compreender como Peirce localiza a retórica em relação ao desenvolvimento científico, sua maior preocupação.

Semioticamente, de acordo com a teoria peirceana, este ato de identificação se dá através de semioses que se encontram quando duas mentes compreendem determinados signos como capazes de produzir interpretantes semelhantes ou próximos. Pode ocorrer também quando há um propósito em comum. Na busca pelo conhecimento, o cientista deve ser capaz de encontrar os signos próprios para que um determinado fenômeno seja compreendido por seus pares ou por uma comunidade mais ampla. Através do seu pensamento, o cientista estabelece uma relação semiótica com o fenômeno em si, tendo aí uma preocupação de ordem científica, mas que é processada retoricamente de forma a se ajustar criticamente às suas experiências anteriores e da comunidade científica.

¹ No texto “A retórica definida como um processo de identificação em uma abordagem semiótica” (HERMES, 2021), o autor deste artigo desenvolve uma reflexão sobre questões semióticas relacionadas a aspectos históricos, sociológicos e antropológicos.

O conceito semiótico de “experiência colateral” corresponde em como as mentes produzem interpretantes a partir de sua própria trajetória semiótica. A diferença do cientista é que ele busca ter consciência de como as semioses o afetam, e, ao mesmo tempo, em como ele é capaz de produzir semioses através da experiência ou conhecimento acumulado. Do mesmo modo, retoricamente, ele deve ter a preocupação em ajustar os signos para difundir os resultados de sua pesquisa de forma a ser compreendido por seus pares e uma comunidade mais ampla.

Levando em conta as categorias fenomenológicas identificadas por Peirce², o processo de identificação inerente à retórica está vinculado à Secundidade, que consiste na produção de semioses nas relações de alteridade em um determinado contexto. Ocorre nas relações entre um e outro, sendo que a existência de ambos ocorre de fato nesta relação em um certo espaço e tempo. O reconhecimento do outro como parte de um mesmo contexto de vida e de produção de sentido consiste na primeira etapa do processo de identificação retórica que pode ser compreendido semioticamente.

ASPECTOS HISTÓRICOS DA RETÓRICA

De acordo com Nicola Abbagnano (2000), a retórica é considerada uma invenção dos sofistas na Antiga Grécia (século V a.C), sendo Górgias de Leontinos um dos seus fundadores. O autor sintetiza os principais aspectos históricos relativos ao desenvolvimento da retórica. Segundo ele, no diálogo *Górgias*, o filósofo Platão enfatiza que os sofistas não tinham um comprometimento com a comprovação de seus argumentos ou com convicções racionais. Suas habilidades estariam na capacidade de falar sobre qualquer assunto de forma persuasiva. Para Platão, quando pedagógica ou educativa, em conversações guiadas por meio de raciocínios, a retórica estaria exercendo o papel da própria filosofia. Desta forma, pode-se reconhecer a impossibilidade de uma retórica ética que não seja ao modo filosófico, mas também pode-se compreender, de maneira questionadora, uma dimensão retórica na própria filosofia e nas ciências, o que a semiótica peirceana nos permite considerar.

Já Aristóteles, segundo Abbagnano (2000), estabeleceu para a compreensão da retórica um vínculo com a dialética, o que está por detrás da sua obra que chegou até nós, que é a referência mais antiga e citada sobre a retórica. Na perspectiva aristotélica, em uma concepção própria da dialética, na contraposição de premissas de caráter probabilístico, leva-se em conta os meios de persuasão para convencer sobre um ponto de vista. Há modos de levar em conta os argumentos capazes de persuadir e regras para o seu uso estratégico. Suas concepções, unidas ao exercício da filosofia, tiveram relevância pelo

2 “As categorias [fenomenológicas] universais de Peirce são três: primeiridade, secundidade e terceiridade. Primeiridade é aquilo que é independente de algo a mais. Secundidade é aquilo que é relativo a algo a mais. Terceiridade é o que é mediado entre outros dois. Na opinião de Peirce, todas as concepções no nível mais fundamental podem ser reduzidas a estas três” (HOUSER, 1992, p.XXX).

menos até o Renascimento, quando a perspectiva do racionalismo pouco a pouco a colocou em crise. “O dogmatismo racionalista iniciado por Descartes e adotado maciçamente no século XIX foi a maior causa da decadência da retórica” (ABBAGNANO, 2000, p.857). Também vale ressaltar, para se ter uma ideia da sua importância histórica, que, conforme Philippe Breton (2003), até o final do século XIX, a retórica foi o centro de todo o ensino.

Já com o abandono do dogmatismo racionalista e com o reconhecimento do aspecto probabilístico do conhecimento humano, é que surge a nova retórica no século XX, tendo como principal referência *O Tratado da Argumentação*, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), cuja primeira edição é de 1958. Os autores introduzem sua obra afirmando que, durante três séculos, “o estudo dos meios de prova utilizados para obter a adesão foi completamente descurado pelos lógicos e teóricos do conhecimento”. Segundo eles, o “campo da argumentação é o do verossímil, do plausível, do provável, na medida em que este último escapa das certezas do cálculo” (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p.1).

A Nova Retórica se volta sobretudo para a argumentação. A palavra “argumentação” leva em conta a relação com o outro, ou seja, o ouvinte. E, nesse sentido, podemos verificar que a concepção de que a retórica se volta para processos de identificação é algo muito presente nas abordagens de autores especializados em questões retóricas, como também pode ser observado na obra de Kenneth Burke (1969).

O autor Philippe Breton (2003) registra que, ainda na Antiguidade Grega, no século V a.C., houve uma passagem dos discursos retóricos do contexto judiciário para o domínio político. Pode-se observar que, até hoje, confunde-se o papel do político com o do orador. Também no âmbito da política, pode-se perceber que a manipulação é parte mais obscura dos métodos retóricos. No processo de identificação, considerando uma determinada audiência, nem sempre o que se diz, é o que se pensa realmente. Segundo Breton (2003), na primeira retórica, a mais antiga, o orador é mais um homem de poder do que um homem de ética e opinião.

Um ponto essencial da estratégia de argumentação – que está de acordo com ideia da retórica como forma de identificação - é a busca de um acordo prévio com o auditório, de forma a estabelecer também uma identificação com o ponto de vista defendido. Conforme Breton (2003), vista como uma situação de comunicação, o bom uso da argumentação implica, então, uma ruptura com a retórica clássica, caracterizada como a expressão do poder.

Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca, a “ideia de adesão e de espíritos aos quais se dirige o um discurso é essencial em todas as teorias antigas da retórica” É “em função de um auditório que qualquer argumentação se desenvolve” (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p.6).

Termos frequentes que aparecem nos textos sobre retórica são “orador” e “auditório” pressupondo uma relação presencial, face a face, que também considera um processo de

identificação e um contexto físico de recepção, próprio da oratória. Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), no entanto, optam por destinar questões desse âmbito, como a elocução e a mnemotécnica, para abordagens de ordem dramática. O principal aspecto que eles conservam da retórica tradicional é a ideia de “auditório”. “Todo discurso se dirige a um auditório, sendo muito frequente esquecer que se dá o mesmo com o texto escrito. [...] [A] ausência material de leitores pode levar o escritor a crer que está sozinho no mundo...” (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p.7). Os autores ressaltam que o texto está sempre condicionado a quem pretende dirigir-se.

Os autores da Nova Retórica entendem que cada orador cria uma imagem de si a partir da concepção que fazem do auditório “que busca conquistar para suas opiniões”. Cada “cultura, cada indivíduo tem sua própria concepção do auditório universal, e o estudo dessas variações seria muito instrutivo, pois nos faria conhecer o que os homens consideram, no decorrer da história, real, verdadeiro e objetivamente válido” (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p.37).

Breton (2003) explica que o texto argumentativo sempre envolve a defesa de uma opinião, o que é uma característica essencial tanto da argumentação, como da retórica. Esse aspecto remete às problematizações feitas em torno da objetividade, e das diferenças entre informação e opinião no campo do jornalismo (TRAQUINA, 2004). Considera-se, atualmente, que mesmo o texto informativo é permeado pela parcialidade, levando em conta a atividade de seleção feita no processo da reportagem. A diferença do texto argumentativo estaria na intenção explícita e intencional da defesa de um ponto de vista. No entanto, um dos pontos mais importantes da ação retórica é o enquadramento ou o reenquadramento inicial da argumentação, que consiste em compartilhar uma visão comum da realidade de forma a convencer sobre um ponto de vista.

No âmbito das ciências, segundo Breton (2003), são exigidas demonstrações e a retórica não corresponde à validade universal relativa às definições matemáticas, por exemplo. Para esse autor, a argumentação nunca será universal – ao contrário da demonstração de um teorema matemático. Conforme Breton, resultados científicos se impõem e não envolvem opinião. E a argumentação não pode produzir conhecimentos novos. O autor, no entanto, reconhece que uma contradição é o fato de as ciências serem colocadas em discussão, e, com isso, abre uma brecha para a contribuição de Peirce através das noções de falibilismo como uma característica de qualquer tipo de conhecimento e da abdução como uma forma de raciocínio.

Breton (2003) reconhece que a história da retórica está atravessada por procedimentos que visam “agradar” ou “emocionar”, que correspondem a formas de identificação de ordem sentimental. Há situações em que a sedução é dominante e noutras em que a argumentação predomina. O autor resalta ainda que não há situações puras com frequência, o que leva também a discursos híbridos entre o teor argumentativo e emocional.

Ao contrário do que podemos observar em Peirce, Breton estabelece a diferenciação de que a retórica visa produzir convencimento em torno de opiniões, enquanto as ciências tratam de enunciados suscetíveis de serem demonstrados. A esta perspectiva positivista, pode-se contrapor a compreensão falibilista de Peirce sobre a ciência, que também permite outras aproximações à retórica.

O contexto de recepção pode ser problematizado pelas definições de “realidade social” e “identidade social” feitas no âmbito da sociologia em uma perspectiva construtivista (GIDDENS, 2012). Do ponto de vista da retórica, conforme Breton (2003), o que conta não são as pessoas, mas que suas ideias sejam partilhadas, o que pode ser pressuposto em um contexto amplo, compreendido na sociologia como “realidade social”. Mas, tendo em vista a defesa de uma opinião, o que pode ter como alvo a mudança de um ponto de vista, muitas vezes, o argumento é voltado para um auditório particular. De qualquer forma, está sempre em conta a intersecção entre os universos mentais.

MEIO DE EVITAR A VIOLÊNCIA

Segundo Philippe Breton (2003), a “argumentação” corresponde a uma ação humana que visa convencer, o que está muito presente na vida cotidiana. A obra desse autor é voltada para a descrição dos meios de argumentação, que visam “acionar um raciocínio em uma situação de comunicação” (BRETON, 2003, p.7). Essa maneira de agir corresponde a uma renúncia à violência, ressaltando o vínculo social partilhado.

Há que se considerar que há formas de violência disfarçadas de argumentação, que constituem retóricas questionáveis, como ocorre com a publicidade repetitiva ou a difusão massiva de mensagens pelas redes sociais de forma a coagir muitas pessoas. Breton (2003) enfatiza o aspecto argumentativo como o caráter mais ético da retórica, embora esta ciência, segundo este autor, não se volte para raciocínios puramente lógicos, mas que tenham a capacidade de convencer sujeitos capazes de estabelecer seus julgamentos próprios e de forma independente.

É importante observar que a falta de retórica e, especialmente da argumentação, é gritante no cotidiano social. Isso pode ser verificado diariamente nos relatos dos fatos nos telejornais com as notícias sobre a ausência de diálogo e a violência assustadora, por exemplo, com ações contra as comunidades indígenas, comunidades pobres, mulheres, contra a comunidade LGBTQIA+, e, especialmente, a recusa de certas personalidades políticas brasileiras a argumentar claramente sobre as suas ideias. O apelo à religião no âmbito político também é uma estratégia questionável, já que os valores religiosos não pressupõem a argumentação, mas apenas estabelecem identificação pela fé na ordem do sagrado.

Breton (2003), assim como Peirce, busca uma definição da retórica mais voltada para os seus aspectos éticos. Trata da argumentação como uma parte específica das

ações retóricas, para a qual dá mais relevância justamente pela sua qualificação ética. No entanto, deve-se levar em conta que a ação de convencer o outro ou de persuadir pode apelar exclusivamente para as emoções, o que não corresponde à ação argumentativa.

Segundo Breton (2003), a retórica envolve a defesa de uma opinião. Está voltada para o ato de convencer, pode ser estabelecida através da manipulação, da propaganda, de sedução e, de argumentação, aspecto teórico que de fato lhe interessa por entender como um procedimento mais ético. A argumentação seria um meio para partilhar opiniões que podem ter como consequência ações (BRETON, 2003, p.11), definição que vai em direção ao pragmatismo de Peirce.

AO ENCONTRO DAS DEFINIÇÕES E REFLEXÕES DE PEIRCE

É importante destacar que as questões éticas e científicas vão para além das retóricas. Nem todo ato de convencimento tem um caráter ético, e as consequências de uma ausência de um caráter ético na ação retórica tem consequências que vão para além dos processos de persuasão, identificação ou convencimento. Se a retórica pode estar relacionada ao âmbito lógico e científico, como propõe Peirce, ao elucidá-los semioticamente, ele não deixa de ter preocupações especiais tanto de ordem científica como ética.

As definições da retórica apresentadas nos levam a perceber como o texto inaugural do pragmatismo, “Como Tornar Claras as Nossas Ideias” (PEIRCE, 1993) está imbuído de um sentido retórico, embora não haja a preocupação de explicitar a produção de sentidos como uma ação intencional em relação à modificação do comportamento dos demais seres humanos, como é próprio da retórica.

Dentro da sua concepção falibilista do conhecimento, Peirce define que a “essência da crença é a criação de um hábito e diferentes tipos de crenças se distinguem pelos diferentes tipos de ação a que dão lugar” (PEIRCE, 1993, p.56). O autor enfatiza a importância das crenças em relação ao nosso comportamento, modo de agir ou modo de viver, e reconhece que “a ação do pensamento é excitada pela incitação da dúvida e cessa com o atingir a crença; e, assim, o chegar à crença é a função única do pensamento” (PEIRCE, 1993, p.53). No entanto, todas as crenças estabelecidas – que envolvem o surgimento de hábitos - estão sujeitas às dúvidas, que estimulam o desenvolvimento do pensamento.

A semiótica e o pragmatismo, ao lado da problematização das questões linguísticas ao longo do século XX, contribuíram para uma maior conscientização de como ações retóricas norteiam o nosso modo de pensar e de agir. Perelman e Olbrechts-Tyteca reconhecem esse aspecto como um dos papéis dos estudos retóricos. “Estamos firmemente convencidos de que as crenças mais sólidas são as que não só são admitidas sem prova, mas também, muito amiúde, nem sequer são explicitadas” (PERELMAN e OLBRECHTS-

TYTECA, 1996, p.8). Os autores também reconhecem, ao modo como é defendido por Peirce, que há necessidade de os lógicos completarem a teoria da demonstração das ciências matemáticas com uma teoria da argumentação.³

Tudo que conhecemos estabelece-se como mediações, ou seja, interpretantes (resultantes da relação triádica também com os signos e os objetos), que podem ser considerados crenças. No retorno aos objetos dinâmicos, aquilo que se quer conhecer melhor ou sobre o que se quer ser estabelecer semioticamente ou retoricamente um outro ponto de vista, pode-se produzir novos objetos imediatos (que são o aspecto do objeto dinâmico que o signo traz para a produção de crenças). Uma nova perspectiva sobre o objeto de conhecimento, de saber, ou de interesse pode produzir novas crenças em uma determinada audiência. Isso pode ter tanto um sentido meramente persuasivo, que pode dar lugar a concepções ilusórias interesseiras ou até mesmo fictícias, como também pode estar imbuído do espírito científico. O rico leque de conceitos da semiótica de Peirce pode nos ajudar a pensar uma diversidade de aspectos da retórica, seja nas suas práticas éticas, ou naquelas questionáveis do ponto de vista ético.

O falibilismo ocupa um lugar central na obra de Peirce. No texto autobiográfico “A Propósito do Autor”, ele reconhece que suas ideias estão reunidas nesta designação. Ele escreve: “sempre senti que minha filosofia brotasse de um contrito falibilismo, combinado com decidida fé na realidade do conhecimento, e de um intenso desejo de investigação” (PEIRCE, 1993, p.47). Abbagnano (2020) ressalta que o termo foi criado por Peirce, “para indicar a atitude do pesquisador que julga possível o erro a cada instante de sua pesquisa, e, portanto, procura melhorar os seus instrumentos de investigação e de verificação” (ABBAGNANO, 2000, p.426-427). O falibilismo explica o desenvolvimento do conhecimento pela contínua sequência de crenças, hábitos e dúvidas.

A retórica pode ser compreendida como o ingrediente comunicativo que se insere no processo de desenvolvimento do saber, podendo contribuir tanto para o seu avanço como para o seu atraso. Mas, para além disso, se levarmos em conta o raciocínio do tipo abduutivo, definido por Peirce como o responsável pela geração de novas ideias, o caráter probabilístico, característico da retórica, pode ser considerado como uma importante contribuição ao desenvolvimento do conhecimento.

“RETÓRICA COMUM” E “RETÓRICA ESPECULATIVA”

No seu artigo “*The general secret of rendering signs effective:” on the Aristotelian roots of Peirce’s conception of rhetoric as dynamis, téchne and semeiotic form of the summum bonum*, o autor Alessandro Topa (2019) cita o breve artigo de Peirce (1998) “*Ideas, Stray or Stolen, about Scientific Writing*”, escrito originalmente em 1904, mas que

³ Vale ressaltar que, entre as numerosas referências de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), infelizmente falta o nome de Charles Sanders Peirce.

vem sendo estudado e interpretado por vários pesquisadores. O autor estabelece um foco nos diferentes usos de Peirce dos termos “arte universal da retórica”, “retórica comum” e “retórica especulativa”. O primeiro, segundo Topa, corresponde à potencialidade da retórica, o segundo, a como a retórica vem sendo definida e praticada ao longo da história, e o terceiro, como uma definição de leis semióticas nas ciências normativas.

No texto referenciado, Peirce define a retórica especulativa ao modo pragmatista, levando em conta que as ideias correspondem à compreensão do mundo em que vivemos e nossas formas de ação sobre este contexto de vida: “a ciência das condições essenciais sob as quais um signo pode determinar um signo interpretante de si mesmo e de tudo o que ele significa, ou pode, como signo, produzir um resultado físico” (PEIRCE, 1998, p.326). Embora com um teor pragmatista, a intenção é elevar a retórica ao seu caráter mais abstrato e menos instrumental.

A “retórica comum”, de acordo com a interpretação de Topa (2019), levando em conta referências de Gabriele Gava, corresponderia aos usos dos signos em diferentes contextos, como ocorre, entre muitos outros, nos âmbitos jornalístico e cinematográfico. Faz parte de uma concepção de uma semiose comunicativa, em que os eventos correspondem a determinadas estruturas de relações semióticas, que são estudadas na gramática especulativa definida por Peirce, como “uma subdisciplina da semiótica lógica normativa” (TOPA, 2019, p. 414). Os “conceitos que refletem as relações necessárias desta relação (signo, objeto, interpretante) devem ser considerados como aspectos necessários especificáveis para cada desempenho de semiose comunicativa” (TOPA, 2019, p. 414). Haveria necessariamente um meio de comunicação, um contexto midiático e um sistema de signos interpretativo.

Dentro da arquitetura filosófica de Peirce, conforme Santaella (2003), há três partes principais, a Fenomenologia, as Ciências Normativas e a Metafísica. As ciências normativas são a Estética, a Ética e a Semiótica ou Lógica. A parte mais conhecida da filosofia peirceana é a Semiótica ou Lógica, que se divide em Gramática Pura ou Especulativa, Lógica Crítica, e Retórica Pura ou Especulativa.

Conforme Nathan Houser, editor da coletânea *The Essential Peirce*, a gramática especulativa é um ramo da semiótica que investiga as representações (signos e semioses), e procura elaborar as condições necessárias e suficientes para representar e classificar os diferentes tipos de semioses possíveis. Houser nota que a gramática especulativa frequentemente é apresentada como se fosse toda a semiótica peirceana, porque nela são descritos os diferentes tipos de signos e de tricotomias. O segundo ramo da semiótica é a “crítica”, que é a parte da lógica que estuda as partes constituintes dos argumentos e produz uma classificação de argumentos, partindo de pressupostos de que toda afirmação é verdadeira ou falsa. Neste ramo, conforme Houser, são importantes os tipos de raciocínios ou lógicas estudados e redefinidos por Peirce: abdução, indução e dedução. O terceiro ramo é a retórica especulativa. É “o estudo das condições necessárias de transmissão do

significado por signos de mente a mente, e de um estado mental para outro” (PEIRCE in HOUSER, 1992, p. XXXVIII).

Desta forma, as frequentes análises semióticas de textos comunicativos correspondem à gramática especulativa, tendo a ter proximidade com a análise do discurso no âmbito da comunicação. Uma das diferenças semióticas em relação à análise do discurso, que corresponde à retórica, seria também a possibilidade de propiciar a elaboração de semioses com determinados propósitos ou textos com a intenção de convencer.

O autor Alessandro Topa (2019) enfatiza que a “retórica comum” corresponde às formas especializadas de retórica, mas que não podem ser unificadas, correspondendo o termo singular, somente, de maneira generalizada, às manifestações práticas da tradição retórica. Segundo Topa, Peirce aborda a “retórica comum” como uma manifestação única, pressupondo a falta da autorreflexão inerente a todas as suas manifestações. Desta forma, a retórica especulativa, como de fato uma ciência única, vem a ser uma contribuição para uma retórica refletida, para além dos instrumentais práticos.

Citando Gabriele Gava, Topa (2019) menciona que, para Peirce, a retórica está relacionada à efetividade dos signos e sua capacidade de dar origem a processos de interpretação e outros tipos de efeitos. No caso da retórica aristotélica, a retórica seria uma ciência prática, resultado de uma investigação sobre como a argumentação pode ocorrer ou deve ser feita da melhor forma. A medição de duas tendências opostas “alcança os outros e, assim, visa uma inteligibilidade alicerçada na generalidade, ao mesmo tempo que é radicalmente individual, vivendo na carne do orador” (TOPA, 2019, p.422). A ação retórica constitui-se, primeiramente, da generalidade que temos em comum compartilhada pela linguagem. Na sequência, essa generalidade é aplicada na sua relevância específica, relativa a cada coisa em um contexto específico.

Apesar de Topa (2019) não mencionar os tipos de signos definidos por Peirce, percebe-se claramente a relação estabelecida entre legi-signos, que corresponde a ideias mais generalizadas, e a sin-signos, que podem ser compreendidos como a atualização destas ideias em contextos específicos. Também pode-se mencionar os quali-signos, relativos à potencialidade das novas ideias expressas em raciocínios abduativos.

Os aspectos icônico e indicial, que a teoria semiótica permite analisar, também podem abrir perspectivas para a compreensão de aspectos emocionais relativos às ações retóricas, embora, segundo Breton (2003), esses aspectos possam fugir de processos argumentativos e dar lugar às manifestações retóricas eticamente questionáveis. Na perspectiva peirceana, não há como ignorar nas semioses de caráter científico também esses aspectos relativos às categorias fenomenológicas da primeiridade e da secundidade, embora sujeitos ao falibilismo.

CONSIDERAÇÕES

A retórica especulativa de Peirce tem um caráter essencialmente teórico e permite uma aproximação da retórica às ciências, ao contrário do que define Breton. Já a gramática especulativa, definida por Peirce, permite aproximações e contribuições às reflexões retóricas que podem ser bastante significativas no âmbito da comunicação. No jornalismo, as ações de enquadramento são as mais significativas e podem ser analisadas semioticamente.

Deve-se levar em conta, no momento crítico em que vivemos hoje, que há uma recusa deliberada em certas correntes estabelecidas nas redes sociais de exercer a obrigação ética inerente ao discurso argumentativo como uma forma de exercer plenamente a cidadania. A semiótica e a retórica são permeadas pelo caráter ético inerente à condição humana, caracterizada pelo exercício da liberdade humana, mas de forma a garantir as condições desta liberdade.

A importância de estudar a retórica está no fato de que a nossa concepção de mundo está vinculada ao modo como compartilhamos significados e, numa perspectiva peirceana, a como somos convencidos a manter ou modificar determinadas crenças, que também nos levam a modos de pensar, e, conseqüentemente, maneiras de agir.

Por um lado, a semiótica obviamente tem uma significativa perspectiva retórica e o caráter pragmatista da filosofia de Peirce não pode prescindir de reflexões sobre as questões retóricas. De outro lado, a retórica também não pode ignorar as contribuições da semiótica peirceana, e uma retórica renovada pode ser desenvolvida nesta perspectiva.

O objetivo da retórica é estabelecer a concordância em torno de determinadas ideias de forma a propiciar uma ação ou agir coletivo. Apesar da proximidade com a lógica, estabelecida sobretudo por seu aspecto argumentativo, como ressalta Breton (2003), a retórica tem como intuito sobretudo o caráter político, que pode ser compreendido como a predisposição de uma determinada comunidade de seres humanos a agir em uma determinada direção, a partir de um conjunto de crenças definida e cultivada em comum acordo, através de atos comunicativos.

Cada sujeito é afetado e afeta os demais por ações retóricas, convencido e predisposto a convencer através de atos comunicativos, que podem ser compreendidos semioticamente como ações sígnicas. A partir do ponto de vista do indivíduo em relação ao seu auditório, seus prováveis leitores ou ouvintes, é que se pode abordar a “identificação” em uma abordagem retórica.

A retórica só pode ter relevância científica se pensada em uma perspectiva ética. E o reconhecimento do seu valor científico consiste em evidenciar o papel que as ações retóricas têm em relação não só às ações cotidianas, como é próprio das “retóricas comuns”, mas também em relação ao próprio conhecimento, como manifesta Peirce através da sua concepção da retórica especulativa.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BURKE, Kenneth. **A Rhetoric of Motives**. Los Angeles: University of California Press, 1969.

BRETON, Philippe. **A Argumentação na Comunicação**. Bauru (SP): Edusc, 2003.

COLAPIETRO, Vincent. M. C. S. Peirce's Rhetorical Turn. **Transactions of the Charles S. Peirce Society**, Bloomington (Indiana), v. 43, n.1, p. 16-52, 2007.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Penso, 2012.

HERMES, Gilmar. A retórica definida como um processo de identificação em uma abordagem semiótica. **Passagens**, v. 12, n. 1, p. 207-228, 31 jul. 2021.

HOUSER, Nathan. Introduction. In: HOUSER, Nathan; KLOSEL. **The Essential Peirce: selected philosophical writings**. Bloomington: Indiana University Press, 1992, p. XIX-XLI.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e Filosofia: Textos Escolhidos de Charles Sanders Peirce**. São Paulo: Cultrix, 1993.

PEIRCE, Charles Sanders. Ideas, Stray or Stolen, about Scientific Writing. In: PEIRCE Edition Project: **The Essential Peirce**. Bloomington: Indiana University Press, 1998, p.325-330.

PERELMAN, Chaïn; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação: A Nova Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica?** São Paulo: Brasiliense, 2003.

TOPA, Alessandro. "The general secret of rendering signs effective": on the Aristotelian roots of Peirce's conception of rhetoric as a dynamis, téchne and semeiotic form of the summum bonum. **Cogitio**, São Paulo, v.20, n.2, p. 404-428, jul/dez, 2019.

TRAQUINA. **Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004.

ÍNDICE REMISSIVO

SÍMBOLOS

@covidphotobrazil 37, 38, 39, 41, 42, 43

@everydaybrasil 37, 38, 43, 44

A

Adolescência 215, 216, 217, 219

Argumentação 18, 142, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 153

Arte engajada 181

B

Brasil 2, 3, 5, 10, 11, 12, 16, 24, 25, 26, 27, 35, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 58, 59, 69, 96, 104, 105, 106, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 126, 128, 129, 130, 134, 198, 200, 201, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 213, 216, 219, 227

C

Cidade 24, 27, 40, 42, 43, 46, 51, 52, 56, 92, 93, 99, 106, 107, 170, 187, 192

Cinema expandido 154, 158, 159

Comunicação 1, 2, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 29, 37, 44, 46, 58, 59, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 89, 94, 97, 101, 103, 106, 116, 118, 119, 128, 129, 130, 131, 132, 138, 141, 142, 143, 145, 147, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 163, 166, 167, 181, 182, 183, 197, 198, 199, 201, 202, 203, 206, 207, 208, 211, 213, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 234

Comunicação científica 13, 15, 22, 23, 24

Concessionária 26, 29, 30

Convergências midiáticas 131

Covid-19 1, 27, 32, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 117, 154, 155, 163, 164, 166, 217, 218, 219, 225, 227

D

Desigualdade social 37, 38, 39, 42

Diário de um confinado 154, 155, 163, 164, 165

E

Educação sexual 215, 216, 217, 218, 219

Ensino 17, 21, 93, 101, 145, 200, 215, 216, 217, 218, 219

Epistemologia 52, 168, 169, 180

Equipe 163, 219, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 227

Espectatorialidade 168

Estética 12, 46, 47, 106, 107, 110, 111, 112, 114, 115, 135, 140, 150, 155, 157, 159, 161, 171, 175, 178, 181, 191, 192, 195, 196

Expressão 15, 46, 50, 51, 54, 56, 75, 102, 121, 126, 142, 145, 155, 159, 183, 194, 201

F

Fotografia digital 37

G

Gerações 104, 106, 116, 129

H

Horror 168, 169

I

Indústria criativa 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 24, 25

Interação 13, 18, 19, 21, 39, 109, 134, 154, 155, 157, 158, 160, 162, 164, 165, 167, 168, 172, 176, 177, 178, 219, 224

Interdiscursividades 131

Intertextualidades 131

J

Jornalismo 2, 14, 20, 23, 37, 46, 58, 59, 64, 65, 69, 71, 142, 146, 152, 153

L

Liderança 209, 220, 221, 222, 223, 225, 226, 227

Liderança Feminina 220, 221, 222, 226, 227

Linguagem audiovisual 104, 154, 155, 164, 165, 166

M

Mecânica 26, 28, 29

Media 13, 36, 68, 71, 72, 73, 74, 75, 87, 95, 98, 99, 100, 101, 103, 132, 141

Mídias sociais 13, 14, 15, 18, 20, 21, 23, 24, 25, 202

Modernidade 46, 52, 56, 94, 107, 112, 115, 116, 132, 182, 196, 233

Mojica 168, 169, 171, 174, 178, 179

MTV 104, 105, 106, 110, 111, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130

N

Narrativa 139, 154, 155, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 174, 177, 178, 182, 196, 205, 229, 231, 233

P

Pandemia 1, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 113, 154, 155, 163, 164, 166, 215, 217, 218, 219, 225, 227

Peirce 121, 124, 130, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153

Política 13, 15, 20, 24, 57, 62, 64, 67, 73, 103, 106, 115, 118, 145, 155, 181, 182, 188, 191, 192, 195, 196, 201, 213

R

Representação 38, 46, 47, 49, 50, 51, 55, 56, 99, 121, 124, 158, 159, 160, 176, 185

Retórica 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153

Retórica especulativa 142, 150, 151, 152

S

Semiótica 118, 119, 121, 129, 130, 140, 142, 143, 144, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 162, 163, 166, 167

Serra da Estrela 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103

Serviços 13, 15, 16, 17, 18, 19, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 110, 155, 156

Sociosemiótica 154, 160, 162, 167

T

Tecnologias 32, 36, 48, 73, 154, 155, 156, 159, 160, 219, 220, 223, 224, 225, 226

Televisão 16, 48, 62, 74, 107, 108, 110, 112, 113, 115, 116, 118, 119, 120, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 135, 154, 155, 157, 159, 163, 164, 208

Temporalidade 139, 181, 182, 183, 195

Teorias da comunicação 25, 71, 72, 73, 101, 130


Transmidialidades 131


U

Unipampa 13, 14, 15, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25

V

Veículo 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 65

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



DIMENSÕES
ESTÉTICAS,
COGNITIVAS E
TECNOLÓGICAS
DE COMUNICAÇÃO

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



DIMENSÕES
ESTÉTICAS,
COGNITIVAS E
TECNOLÓGICAS
DE COMUNICAÇÃO